



Protocolos de leitura em *O Leitor*: inesquecíveis iniciações

Bene Martins¹

Pós-doutoranda em Estudos de Teatro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa-PT; Professora da Universidade Federal do Pará

Fábio Limah²

Mestre em Artes; Ator (ETDUFPA) do Grupo Teatral Os Varisteiros

O segredo é uma questão fundamental na literatura ocidental. Podemos afirmar que as tramas se desenvolvem a partir de personagens que detêm determinadas informações, as quais por vários motivos, às vezes cruéis, às vezes nobres, eles decidiram não revelar. (O leitor)

Resumo: O estudo sobre o filme *O Leitor* (2008), direção de Stephen Daldry, sinaliza as iniciações erótico-literárias inesquecíveis para Hanna e Michael. Literária para a personagem feminina, erótico-amorosa para o garoto. Este é o responsável pelo despertar da experiente mulher para o mundo das letras. Neste texto, enfatizamos a importância dos protocolos e domínio da leitura, sobretudo, como fator determinante da condição do Ser.

Palavras-chave: Protocolos de leitura; iniciação alfabética-literária-erótico-amorosa.

Abstract: The work about the film *The Reader* (2008), directed by Stephen Daldry, indicates unforgettable initiations for Hanna and Michael. Literary ones for the feminine hero and erotics-loverlike for the boy. He is responsible for awaking the experienced woman to the world of letters. In this text, we emphasize the importance of protocols and, moreover, the mastery of the language as a determining factor of the condition of Being.

Key-words: reading protocols; initiation alphabetic-literary-erotics-loverlike.

1 behne03@yahoo.com.br

2 fabiolimah@gmail.com

O filme *O Leitor* (*The Reader*, 2008), direção de Stephen Daldry, adaptado a partir do romance escrito por Bernhard Schlink, 1995, além enredo bem elaborado e fotografia adequada, acena muito mais para o que insinua, do que para o exibido no início e meio do filme. A personagem feminina, Hanna, é misteriosa, esconde segredo importante; o menino Michael, ainda imaturo para perceber o que havia de sombrio no olhar e nas atitudes da mulher que o despertou para o prazer, entrega-se, sem pensar nas consequências. A epígrafe enuncia a trama oculta, as entrelinhas, os interditos a serem parcialmente revelados no final do filme.

Neste artigo, teceremos considerações sobre o que denominamos protocolos de leitura, no sentido de que os encontros de ambos passam, sem que ele perceba, por uma espécie de ritual. Primeiro, ele lê para ela, depois a entrega ao jogo erótico-amoroso, embora Hanna estivesse, aparentemente, mais interessada nas leituras do que na relação sexual. Ele, inexperiente, nada questiona, a iniciação tem peso maior, faz o que ela quer, procura satisfazê-la. Ela, sempre no controle, deixa-se enlevar por momentos, em seguida, retoma a disciplina e frieza da mulher sofrida, da batalhadora, até então, envergonhada por não saber ler. O espectador percebe esta falta, Michael não. A película é permeada por signos imagéticos, gestos, olhares, indícios que mantêm a expectativa sobre os porquês daquela mulher comportar-se de maneira esquiva. Ao mesmo tempo que há entrega, há recolhimento, até o dia em que ela some da vida do garoto apaixonado.

A partir de referências sobre leitura em diálogo, naturalmente com outras conceituações do conhecimento humano: culturais, estéticos, políticos, filosóficos, sociológicos, relações interpessoais, é que iniciamos o estudo do filme *O Leitor*. Neste texto, enfatizaremos a importância do domínio da leitura, sobretudo, como fator determinante da condição do Ser. Uma das referências que utilizaremos será a da Tradução Intersemiótica: qual seja, a tradução entre sistemas de signos, leitura de elementos outros que compõem a película. Neste caso, a linguagem literária motivando a fílmica. Aliás, os autor-diretor recorrem à poesia, à peça teatral, ao romance como fio narrativo para a trama que entrelaça os personagens. Os encontros dos protagonistas são permeados por leituras, sempre ele, lendo para ela. A filmagem como registro do processo de iniciações prazerosas para ambos.

Tudo começa com o encontro inesperado entre duas pessoas totalmente diferentes. Este é o motivo principal para a complexa relação estabelecida entre a mulher experiente, racional, analfabeta - ela esconde o fato, ele não desconfia de tal situação - o adolescente disposto a viver as emoções de desnudar o corpo da mulher e o próprio corpo, movido pelos sentimentos que ela despertou nele, desde o primeiro contato. O que parecia, à primeira vista, ser uma iniciação sexual para ele, transformou-se em sentimento profundo para o resto da vida de Michael (interpretado pelo ator David Kross e Ralph Fiennes, este na fase adulta). Hanna (interpretada por Kate Winslet), desde o primeiro encontro, demonstra interesse pelo que ele estuda. Ele afirma que gosta de aprender línguas. Ela pede algumas frases. Ele fala em latim, ela acha lindo. Não entende nada, mas se encanta com a sonoridade das palavras e com a entonação dada pelo estudante. Ela, sempre atenta à leitura, o elogia, ao que ele responde: - Eu pensava que não era bom em nada. Após esse momento de delicadeza, de baixa da guarda permanente em que ela vive - não se permite ser carinhosa ou demonstrar fragilidade - imediatamente retoma o controle da mulher racional.

Os encontros sexuais continuam, permeados por leituras. Podemos afirmar que assim são iniciados alguns protocolos de leitura, quais sejam: da cumplicidade, da entrega, da rejeição, da vergonha, da culpa, da rendição e até da libertação do estado de espírito conservado nela, o da busca por leituras e autoafirmação como mulher. O primeiro protocolo seria o da iniciação sexual, amorosa por parte dele, Michael. Ele, adolescente, nunca estivera com uma mulher antes. Iniciação às letras, à literatura, às viagens imaginárias por parte dela, Hanna. As leituras de romances, poemas, peças teatrais misturadas às leituras dos corpos, dos gestos, da entrega de um ao outro perfazem o percurso das relações intersemióticas da comunicação estranhamente íntima entre os dois. Ambos a lerem signos com significados muito diferentes. Ele entrega total, ela sob controle das próprias emoções, não assume o envolvimento e, como defesa por assim dizer, o agride, ofende, se afasta. Ele se entrega aos jogos de prazer, ela inverte a importância do encontro amoroso, mais importante passam a ser as sessões de leituras diárias do seu menino. Ele sequer desconfia do porquê de tanta atenção à leitura.

INICIAÇÃO ERÓTICO-LITERÁRIA

Ler é uma operação da memória por meio da qual as histórias nos permitem desfrutar da experiência passada e alheia como se fosse a nossa própria. (Alberto Manguel)

Não por acaso, o primeiro livro lido para ela é a *Odisséia*, de Homero, a narrativa de uma viagem -“Ó Musa, canta-me o homem” (Frame 1). Neste momento, quem seria Musa? Ela para ele? Ele para ela? Quem é o leitor? Ele ou ela que, a cada frase lida emociona-se, chora, ri, vive, se envolve com o enredo, percebe e se encanta com o mundo que se abre à sua frente. Eles vivem momentos líricos também. Ele: “quanto mais sofro mais amo, só uma coisa pode nos completar, o amor”. Ele a convence a saírem do esconderijo, da alcova, que era a casa dela, por assim dizer; saem para um belo passeio de bicicleta por paisagens maravilhosas. Nesse passeio, há um momento (Frame 2), uma cena ontológica, ela entra em uma igreja, um coral de adolescentes entoava belas canções, ela comovida, ele a contempla, ambos se olham de tal maneira que ali não há dúvida, eles estão juntos, essa ligação não se romperá! O indício da indelével relação será confirmado, embora de maneira nada idílica, ao contrário, desfecho belamente triste.

As leituras continuam dos clássicos ao HQ, *Guerra e Paz*, à literatura erótica, *Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, 1928, por exemplo. Ela recrimina o tom escrito, do autor, mas pede, em seguida, para ele continuar a ler. Outra leitura significativa, *A Dama do Cachorrinho*, de Anton Chekov. Esta, uma metáfora adequada ao que acontece com eles. Ele o cachorrinho manipulado por ela e, assim como no livro, aparece novo personagem, na vida de Michael também aparece uma adolescente que emocionalmente o envolve. Hanna, de repente parte, sem explicação; ele mergulha na dor do abandono, mas segue sua vida, casa, tem filha, divorcia-se, mas nunca esquece a relação que o iniciou no mundo dos prazeres e do amor. Na vida adulta, conserva um ar melancólico, de quem está às voltas com doces lembranças, com uma espécie de amor forte vivenciado na juventude. Protocolo seguido à risca, este, amoroso, o marcou definitivamente.



Frame 1. Leitura de *Odisséia*.



Frame 2. A cumplicidade do olhar de ambos.

Segundo protocolo de leitura, o julgamento. O sumiço inexplicável de Hanna é desvelado. Por anos desempenhou a função de guarda de Hitler na SS. No local, ela selecionava mulheres que iriam logo ao corredor da morte. Seus critérios de escolha eram metódicos: protegia as jovens e doentes por determinado período de tempo e as obrigava a ler para ela, em voz alta, todas as noites. Hanna, uma mulher completamente alienada ao sistema, como muitas do período, acatava ordens de seus superiores sem ter ideia das atrocidades às quais estava sendo cúmplice, obedecia, apenas. Nas entrelinhas do discurso fílmico, o diretor deixa transparecer a tentativa desesperada da personagem, cada vez que enviava uma de suas “protegidas” a *Auschwitz*, em “matar” o amor adolescente por Michael, para o qual não permitiu continuidade. Talvez Hanna, inconscientemente, se culpasse por não saber ler, por não sentir-se à altura de um amor verdadeiro, quem sabe?

Hanna fora acusada e condenada pela morte de cerca de trezentas mulheres num incêndio acidental, conforme constava em relatório, supostamente escrito por ela. Hanna não se defende, por vergonha de assumir ser analfabeta, resiste exibir sua caligrafia ao ser requerida pelo juiz. Opta por ser condenada, sozinha, pela barbárie, uma vez que suas colegas de trabalho da época também são acusadas, contudo, num prévio conchavo, decidem colocar toda a culpa em Hanna.

Michael, agora estudante de direito, assiste passivamente toda a *via crucis* de Hanna, somente aí descobrirá o segredo guardado. Assiste tudo, até à sentença final, descobre aí que Hanna é analfabeta e, portanto, jamais poderia ter registrado num relatório detalhes de sua função. Por decisão própria, em respeito à Hanna, opta por não expor o segredo à corte suprema. Ao repensar seu ato, vai ao encontro de Hanna. Desiste no meio do caminho. Os sentimentos por Hanna ainda aflorados não permitem tal reencontro e ele carregará essa culpa - poderia tê-la inocentado? - para sempre. Hanna é sentenciada à prisão perpétua. Michael também é sentenciado a não esquecê-la. O menino sentencia a si mesmo a tentar seguir em frente, contudo, emocionalmente, permanece preso à culpa por sua omissão. Eis o protocolo da culpa a ser expiada, ou não.

Terceiro protocolo de leitura, a odisséia da remissão. Como auto-remissão de seu ato falho perante à sua moral, Michael, agora um



Frame 3. Leitura de *Lady Chatterley*.

homem maduro, solitário e pai de uma filha adolescente, encontra em seus pertences notas da época do colégio e de seu caso com a envelhecida Hanna. Sente necessidade de devolver aqueles momentos à Hanna, uma maneira de estar junto novamente. Volta a ler os mesmos textos de outrora para Hanna, agora em fitas gravadas, as quais envia para a prisão. A primeira obra escolhida, *A Odisséia*. Eis nova jornada para a vida de Hanna. Ela reconhece que as leituras são feitas por Michel, as escuta e desenvolve método muito particular de ler. As duas realidades (Michel preparando os áudios; Hanna ouvindo as fitas - Frame 4) são costuradas aos olhos do espectador, a partir da de trechos das obras literárias enviadas ao cárcere, narrados por Michael. Numa das passagens ele diz: “O final é meu começo” (Frame 5). Ambos estão envelhecidos, mais próximos do final da vida. Eis o protocolo do inevitável, viver sob as circunstâncias e escolhas próprias, mesmo que estas condenem à prisão física e/ou emocional para sempre.

A esta altura do filme, o enredo do longa-metragem encontra-se próximo de seu desfecho. Mas, justamente no final, é que os personagens iniciam nova fase de vida. Hanna, com o passar do tempo e, a partir da escuta das fitas, aprende a ler, tudo o que mais queria em sua vida (Frame 6), justamente com o livro *A Dama do Cachorrinho* que outrora havia pontuado a chegada de um novo rosto à sua relação com Michael. Agora, o novo rosto é o seu próprio, mais confiante e corajoso ao enfrentar o temor de uma vida e libertar-se. Hanna liberta-se, colhe o resultado do muito que reuniu, colheu, identificou, ou seja, faz jus à definição do ato de ler: “o ato de ler se assemelha a uma colheita, com todos os seus requintes de procedimentos: observar, identificar, selecionar, relacionar” (CARDOSO-SILVA, 1997, p. 23). À Hanna faltou, quem sabe, ao menos uma das outras habilidades sugeridas pelo termo, o de relacionar, seja consigo, seja com Michael, seja com os outros, ou com outras leituras, outras aprendizagens, de qualquer maneira, colheu o sabor da leitura, cuja negação do fato - ser analfabeta - custou-lhe a condenação à perpétua.

À Hanna faltou, quem sabe, as outras habilidades sugeridas pelo termo, de qualquer maneira, colheu o sabor da leitura, cuja negação do fato - ser analfabeta - custou-lhe a condenação à perpétua.



Frame 4. Michel preparando os áudios/ Hanna ouvindo as fitas.

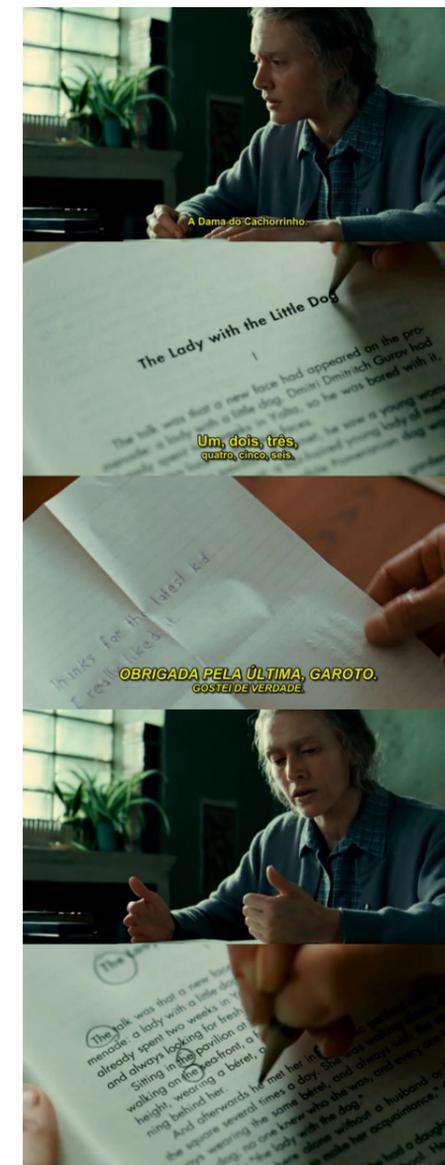


Frame 5. A remissão no final da vida.

A situação de Hanna pode reiterar a constatação de Ângela Kleiman sobre leitura, quando ela afirma que “ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados” (KLEIMAN, 2000, p. 10). Não há referência sobre a infância, juventude de Hanna, ao que parece, sempre fora solitária, mais uma razão para limitação de compreensão do mundo à sua volta, parece não ter pertencido a grupo algum, não houve socialização, nem consigo mesma. Aliás, não há momentos de indagações da parte de Hanna, ela age, trabalha, simplesmente. Só abriu espaço para o menino estudante, mesmo havendo relações sexuais, ela não demonstrava amor por ele, seu interesse era pelas leituras que ele proporcionava a ela, a paixão pelas letras superava outro tipo de sentimento, conforme Bellenger, a leitura proporciona inúmeras satisfações.

A leitura se baseia no desejo. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se. É manter uma ligação através do tato, do olhar, do ouvido. As pessoas lêem com seus corpos. Ler é sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, de um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, 1978, p. 17)

Se concordarmos com o autor, Hanna ansiou por aprender, ouviu e aprendeu a ler com o desejo, fora clandestina, vivia meio alheia ao mundo exterior, para ela os momentos de leitura, após o ato sexual, pareciam mais prazerosos. A cada leitura, mais retraída ficava, ao ouvir o menino, devorava cada palavra com o olhar, com emoção, sentia em si o que as tramas teciam em suas redes de significados. Afirmamos, no entanto, que o processo descrito por Bellenger, não fora completado por Hanna, ela não passou pelo processo de desejar, assimilar e abandonar tal desejo, ou não percebeu que o desejo de leitura desaparecera sob o prazer de ler. Eis, uma das razões da sua entrega à morte, ou à outra espécie de liberdade.



Frame 6. Hanna aprendendo a ler.

E, já encaminhando para a interrupção da leitura do filme, diríamos que ela alcançou uma pseudo-liberdade, após vinte anos enclausurada, à véspera de ser solta, recebe visita do amante-amigo, Michael. Ele, como amigo, responsabilizou-se por restabelecer a vida social da amada detenta, com emprego, moradia. O reencontro, na prisão, de Hanna e Michael é estranho, frio, embaraçoso para ambos. Hanna sobreviveu ao cárcere da ignorância, alfabetizou-se, leu todos os romances lidos por ele para ela. Um prazer insubstituível para ela, mas não sobreviveu ao cárcere da liberdade, ela não construiu um porto seguro emocional, não saberia lidar com a situação nova, viver em sociedade. Após o reencontro com Michael, um dia antes de ser posta em liberdade, suicida-se. Enforca-se em sua cela. Livros são usados como apoio para sua entrega à morte. Os mesmos livros que a vida inteira lhe proporcionaram rica maneira de compensar a vida dura que levava, agora a ampararam para outra jornada.

CONSIDERAÇÕES

O que procuramos enfatizar neste texto é, perdendo a redundância, a obviedade do sentido da leitura, reiterar a importância dessa prática na vida de uma pessoa, tanto no aspecto pessoal quanto para a cidadania. Neste estudo, denominamos o processo da relação de aprendizagem de protocolos de leitura. Hanna, aparentemente ignorante, conservava fascínio pelo mundo das letras, parecia, por momentos, viver em outro plano, no da imaginação talvez. Prazer mesmo, só demonstrava nas sessões de leitura, fosse com o menino-amante, fosse no ambiente de concentração nazista, fosse no cárcere, onde passou a viver e pôs término à sua vida, à sua maneira, utilizando-se dos livros que a alimentaram e a fizeram a aprender a ler, e a morrer também.

Outro ponto que talvez valha a pena enfatizar é que, há inúmeras pessoas alfabetizadas, mas que deixam muito a desejar, seja porque foram mal alfabetizadas - os analfabetos funcionais - seja porque não desenvolveram o prazer pela leitura, ou a praticam como forma de obter informação apenas e, pior, em fontes nem sempre confiáveis. Vale reiterar, no entanto, que informação em si, não é sinônimo de conhecimento. Este exige mais tempo, mais reelabo-

ração, mais ruminação, por assim dizer. E que, uma vez contaminados pelo sabor-saber da leitura, nunca mais a abandonamos. Viver e morrer mergulhado ou perpassado pelo mundo das letras, pode ser um pouco mais poético, ou menos doloroso.

Afirmar que o ser humano desenvolve seu autoconhecimento e elevação de estima via leitura, no sentido amplo do termo, não é exagero, é concordar com o educador Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura dos livros, concordamos plenamente, mas que as leituras outras enriquecem e colore a vida, não resta dúvida alguma. No caso do filme em foco, podemos afirmar que Hanna, por admitir que não sabia ler, decretou a própria condenação. Quando aprendeu por conta própria, já não tinha estrutura psicológica para voltar ao convívio social-amoroso, preferiu dar adeus à vida. Talvez realizada, no que se refere à carência que a incomodava tanto, a de não ser alfabetizada!

Interrompemos o texto com afirmação de Orlandi, a autora reitera que “toda leitura tem sua história. Leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro” (ORLANDI, 1988, p.41). Assim como Hanna não teve imersão à leitura, conseqüentemente, não tinha referências outras que a pudessem auxiliar a perceber que, apesar de não dominar a leitura das letras, tinha a leitura da vivência no mundo limitado em que passou sua existência, e mesmo aprendendo a ler, não teve tempo, talvez, para assimilar, associar a grandeza do gesto, da superação, ou seja, sua aprendizagem não teve elos com sua vida pregressa, ou conforme Orlandi, Hanna não tinha história de escolaridade, aprendeu numa ânsia de buscas, mas não conseguiu enfrentar a vida fora da prisão físico-emocional em que aprendera a viver. E, ainda com Soares, “a leitura foi sempre um ato social” (SOARES, 1995, p. 87), outra lacuna na vida da protagonista, suas relações com outros sempre foram muito utilitárias, por assim dizer. Hanna recolhia-se, atenta, ao mundo das leituras feitas por outrem, até chegar ao prazer de ouvir a própria voz, agora alfabetizada, embora silenciada para sempre.

REFERÊNCIAS

BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CARDOSO-SILVA, Emanuel. **Leitura: sentido e intertextualidade.** São Paulo: Unimarco Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1988.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 1988.

SILVA, Ezequiel Teodoro. Leitura ou “Lei-dura”? In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura no Brasil: Antologia comemorativa pelo 10º COLE.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda Becker. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura no Brasil: Antologia comemorativa pelo 10º COLE.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

TREVISAN, Eunice Maria Castegnaro. **Leitura: coerência e conhecimento prévio.** Santa Maria: Ed. Da UDSM, 1992.

Fonte de imagens:

www.tecnotrekos.blogtv.com.pt

<http://frankvcarvalho.blogspot.com.br/2008/06/os-caminhos-da-leitura-2004.html>